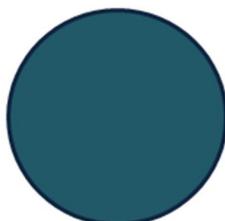


ASSIMETRIAS DE CONTEXTO SOCIOECONÓMICO ENTRE ESCOLAS PÚBLICAS

2.º Ciclo - 2015/16



FICHA TÉCNICA

Título

Assimetrias de contexto socioeconómico entre escolas públicas – 2.º ciclo, 2015/16

Autores

João Oliveira Baptista e Patrícia Pereira
Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC)

Edição

Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC)
Av. 24 de Julho, n.º 134
1399-054 Lisboa
Tel.: (+351) 213 949 200
E-mail: dgeec.eeec@dgeec.mec.pt
URL: <http://www.dgeec.mec.pt>

Outros estudos da DGEEC sobre Educação estão disponíveis em <http://www.dgeec.mec.pt/np4/61/>

Índice

INTRODUÇÃO	3
ASSIMETRIAS NOS DISTRITOS	5
ASSIMETRIAS NOS CONCELHOS	12

1. INTRODUÇÃO

Neste relatório apresentamos os principais resultados de um estudo de diagnóstico, realizado pela DGEEC, sobre as assimetrias existentes entre as escolas públicas no que respeita ao contexto socioeconómico dos seus alunos. Procurámos perceber se existem grandes diferenças de contexto entre as escolas portuguesas, medir quantitativamente estas diferenças e averiguar em que regiões do país estão concentradas as maiores assimetrias.

No estudo foram analisados dados de todas as escolas públicas do 2.º ciclo do ensino básico, da rede do Ministério da Educação, localizadas em Portugal Continental.¹ Como indicador do contexto socioeconómico da escola foi utilizada, sobretudo, a percentagem de alunos da escola que beneficiaram de apoios da Ação Social Escolar (ASE) no ano letivo 2015/16. Todos os dados utilizados foram reportados pelas próprias escolas ao sistema de informação do ministério.

A questão das assimetrias entre escolas está estreitamente ligada às questões da diversidade social na escola e da segregação socioeconómica. Quando existem grandes assimetrias socioeconómicas entre as escolas de uma mesma região, isto significa, por definição, que certas escolas têm uma grande concentração de alunos oriundos de estratos socioeconómicos desfavorecidos, ao passo que noutras escolas se agrupam os alunos de estratos mais elevados, nenhuma delas espelhando a diversidade social global da região. Ora, sendo a escola um espaço fundamental no desenvolvimento social dos jovens, e não apenas no seu desenvolvimento académico, sendo um local em que se alargam os círculos sociais e se forma uma primeira perceção da sociedade, a existência de segregação socioeconómica entre os jovens que frequentam a escola será indutora de perceções mais limitadas, de círculos sociais mais estanques, de menor mobilidade social e, para o futuro, de menores níveis de coesão social no país.

Embora o agrupamento de alunos diretamente pelo seu estrato socioeconómico seja uma prática universalmente condenada, existem nas sociedades vários mecanismos indiretos que conduzem, na prática, a elevados níveis de agrupamento por este estrato, independentemente dos méritos escolares dos alunos. Estes mecanismos existem em todos os países e, quando não controlados, podem levar à formação de fortes assimetrias de contexto entre escolas, mesmo dentro do sistema público de ensino.² Alguns dos mecanismos mais relevantes são:

- 1) Assimetrias socioeconómicas entre regiões;
- 2) Segregação residencial dentro de uma mesma região;
- 3) Seleção diferenciada de escolas por parte dos pais.

Assimetrias socioeconómicas entre regiões. Diferentes regiões têm populações e tecidos económicos distintos. Estas diferenças regionais refletem-se, naturalmente, em assimetrias entre escolas,

¹ Como próximo passo, o estudo será alargado às escolas públicas do 3.º ciclo do ensino básico.

² Por exemplo, ver as publicações:

Schleicher, A. (2014), *Equity, Excellence and Inclusiveness in Education: Policy Lessons from Around the World*, International Summit on the Teaching Profession, OECD Publishing.

OECD (2012), *Equity and Quality in Education: Supporting Disadvantaged Students and Schools*, OECD Publishing.

quando comparamos escolas de diferentes regiões. Por exemplo, veremos no gráfico 2.1 que 58% dos alunos do 2.º ciclo do distrito de Vila Real receberam apoio ASE em 2015/16, enquanto, no distrito de Coimbra, a mesma percentagem foi de 40%. As escolas do distrito de Vila Real terão pois maior concentração de alunos de estratos desfavorecidos do que as suas congéneres de Coimbra.

Segregação residencial dentro de uma mesma região. Mesmo numa região ou concelho de pequenas dimensões, com um tecido económico relativamente integrado, observam-se frequentemente assimetrias entre diferentes zonas residenciais, em termos do nível socioeconómico dos seus habitantes. Esta segregação residencial é especialmente forte nos meios urbanos, onde diferentes bairros podem ser habitados por populações com níveis socioeconómicos muito distintos. Como as escolas tendem a recrutar alunos sobretudo (mas não exclusivamente) na sua área de influência mais próxima, diferenças marcadas entre zonas residenciais de uma cidade refletem-se em assimetrias entre as respetivas escolas. Adiante, veremos este mecanismo em ação através dos números extremamente desiguais das escolas públicas dos concelhos do Porto e de Lisboa.

Seleção diferenciada das escolas por parte dos pais. Em regiões com uma elevada densidade geográfica de escolas, em que as escolas ficam relativamente próximas uma das outras, é mais fácil e frequente os pais optarem por matricular os seus filhos numa escola diferente da mais próxima da sua residência, desde que na escola de destino haja vaga.¹ À partida, esta mobilidade de alunos poderia até mitigar os efeitos da segregação residencial, mencionada anteriormente. Todavia, normalmente são os pais com níveis socioeconómicos elevados quem mais uso faz desta possibilidade de escolha, procurando para os seus filhos escolas de “boa reputação”, frequentadas por alunos de níveis socioeconómicos igualmente elevados, o que potencia a concentração destes alunos em certas escolas, acompanhada da sua quase ausência noutras.

As assimetrias entre escolas geradas pelos mecanismos indiretos acima descritos, entre outros, têm também reflexos nos resultados escolares dos alunos.² Uma vez que a escola frequentada e o grupo de colegas de um aluno são fatores que influenciam a sua motivação e o seu desempenho escolar, não é indiferente, em termos de probabilidades de sucesso futuro, frequentar uma escola com um contexto muito desfavorecido ou frequentar uma escola num contexto mais favorável, na qual as expectativas de grupo e o ambiente escolar são, tendencialmente, mais propícios à aprendizagem. Ora, a existência de assimetrias e de segregação socioeconómica leva, por definição, a que os alunos de estratos mais baixos frequentem escolas com percentagens desproporcionadamente elevadas de colegas nas mesmas condições, ou seja, escolas com ambientes potencialmente menos centrados no desempenho académico. Na presença de uma forte segregação, um aluno de um estrato desfavorecido enfrenta assim uma dupla desvantagem: ao obstáculo de provavelmente receber um menor apoio em casa para o estudo, soma-se o obstáculo de frequentar uma escola com ambiente menos favorável. Portanto a segregação socioeconómica entre escolas é potencialmente, por si só, uma das causas das desigualdades de resultados escolares entre alunos de estratos socioeconómicos diferentes, juntamente com os níveis diferenciados de apoio escolar em casa, das expectativas diferenciadas e de vários outros fatores. Este tópico será discutido em maior detalhe, adiante, na sequência da análise das fortes assimetrias observadas nos concelhos de Lisboa e Porto.

¹ A existência de vaga para um aluno é determinada pela capacidade de acolhimento da escola e pelas prioridades de matrícula estipuladas anualmente por despacho do membro do Governo responsável pela área da educação.

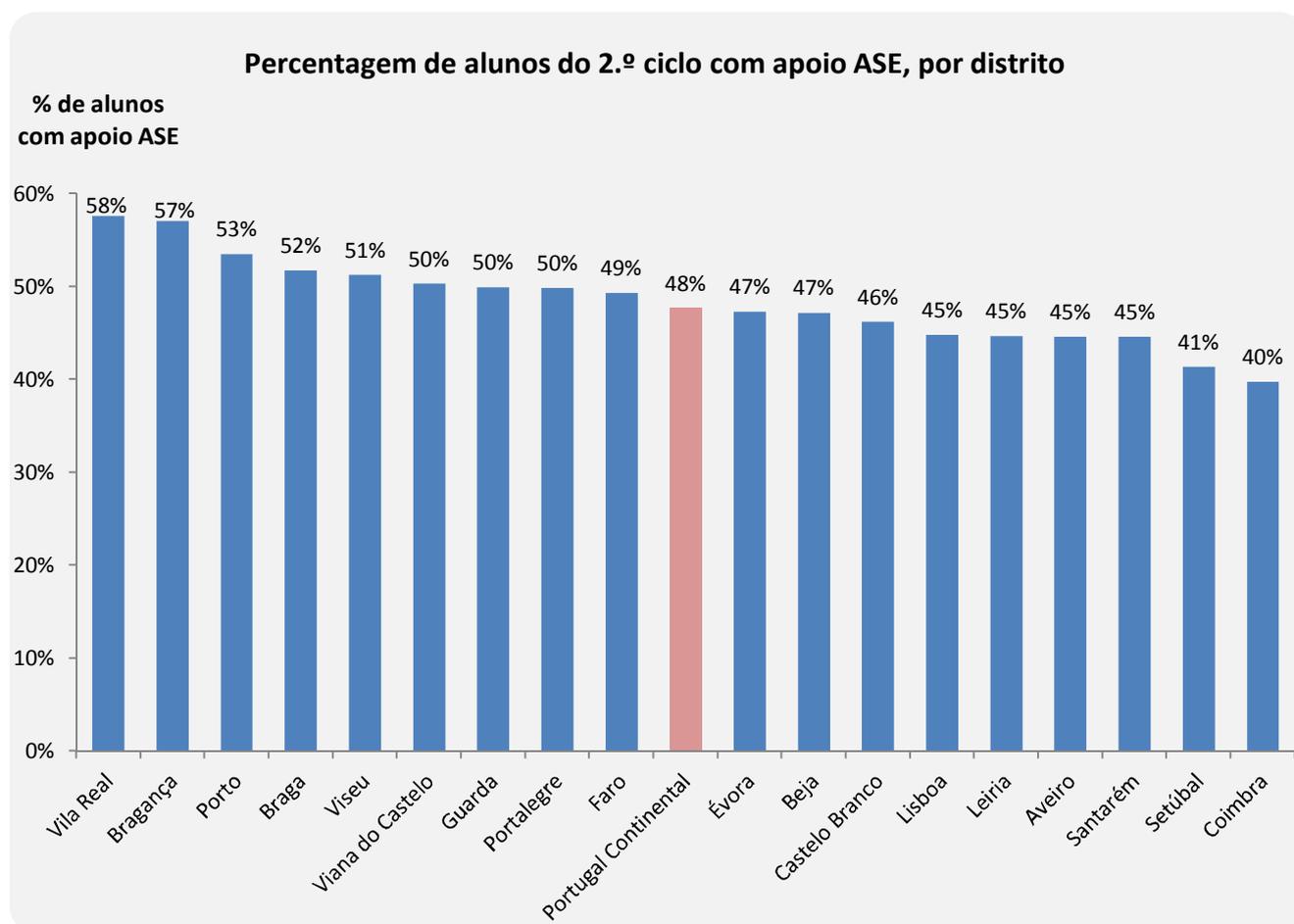
² OECD (2012), *Equity and Quality in Education: Supporting Disadvantaged Students and Schools*, OECD Publishing.

2. ASSIMETRIAS NOS DISTRITOS

O primeiro gráfico da publicação apresenta, simplesmente, a percentagem dos alunos do 2.º ciclo com apoios da Ação Social Escolar (ASE), no ano letivo 2015/16, em cada distrito de Portugal Continental. Esta percentagem é calculada tendo por base apenas os alunos matriculados em escolas públicas da rede do Ministério da Educação.

O gráfico evidencia a existência de uma assimetria regional significativa, com as percentagens mais elevadas de beneficiários ASE a ocorrerem em distritos do norte do país, especialmente do norte interior. A diferença entre o distrito do país com maior predominância de alunos com apoio ASE – Vila Real, com 58% – e o distrito com menor proporção destes alunos – Coimbra, com 40% – é de 18 pontos percentuais. O valor global para o agregado de Portugal Continental foi de 48%, ou seja, cerca de metade dos alunos do 2.º ciclo matriculados em escolas públicas beneficiaram de apoios da Ação Social Escolar.

GRÁFICO 2.1

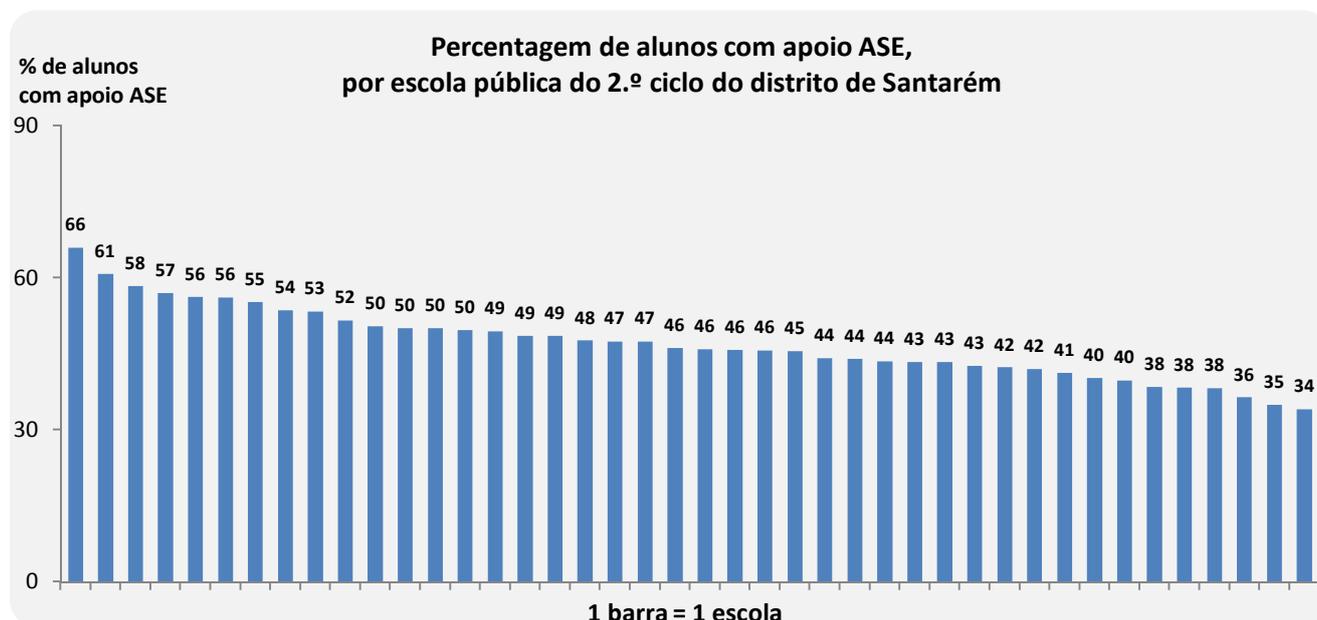


ASSIMETRIAS ENTRE ESCOLAS DO MESMO DISTRITO

Os valores agregados de beneficiários ASE em cada distrito podem, à primeira vista, transmitir uma ideia de uniformidade local dentro do distrito. Todavia, escondem sempre assimetrias significativas entre as várias escolas do distrito. De facto, as assimetrias entre escolas são até mais vincadas do que as assimetrias entre distritos, embora a sua magnitude dependa muito do distrito em causa.

Para ilustrar este ponto, apresentam-se abaixo gráficos sobre as escolas públicas do distrito de Santarém e do distrito de Setúbal. Estas duas regiões têm valores agregados muito semelhantes de alunos com apoio ASE – 45% em Santarém e 41% em Setúbal. Os gráficos mostram essa percentagem desagregada pelas escolas públicas do respetivo distrito, sendo que cada barra vertical representa uma escola do 2.º ciclo. As escolas estão ordenadas por ordem decrescente da sua percentagem de alunos com apoio ASE.

GRÁFICO 2.2

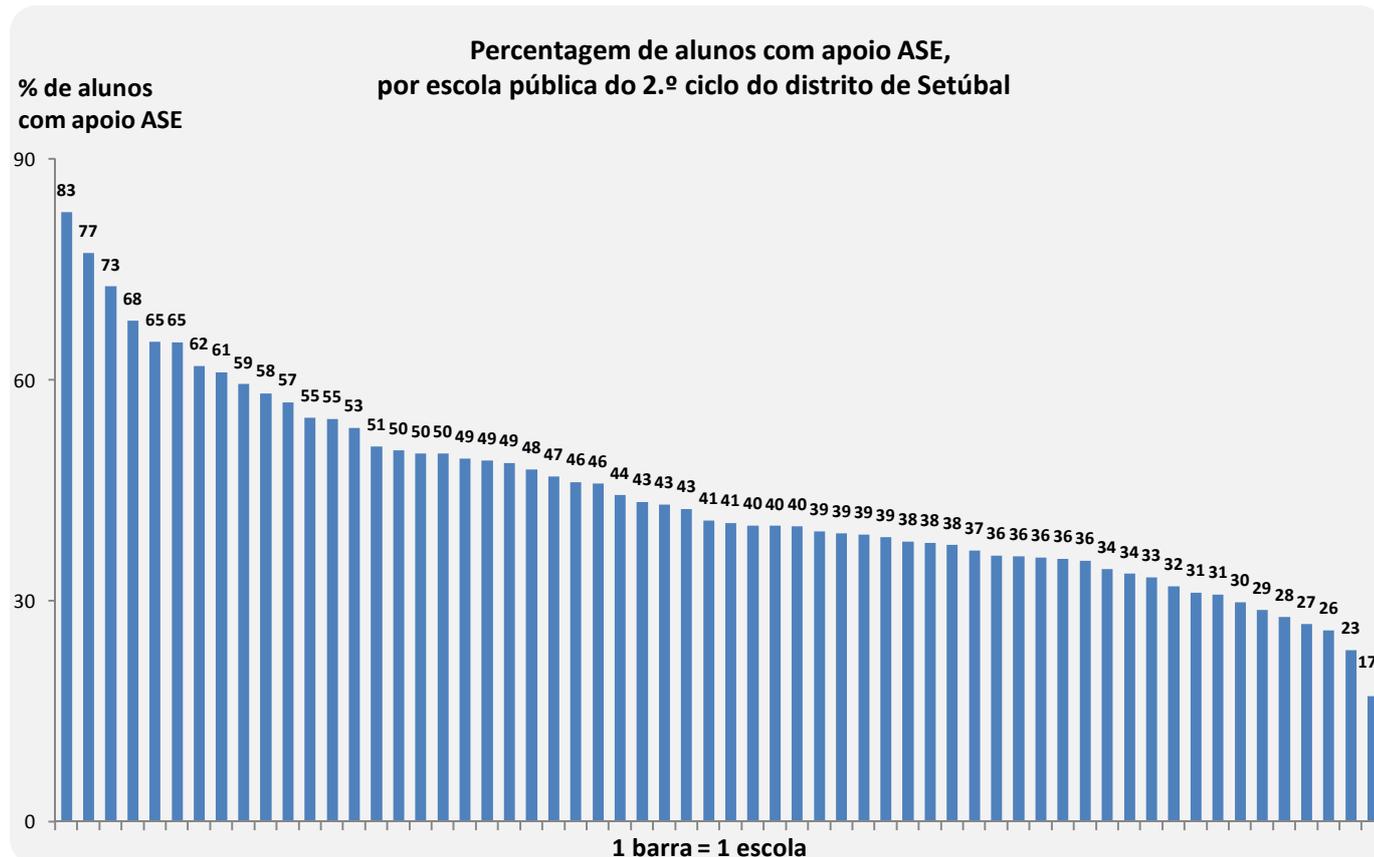


Entre as 42 escolas públicas do 2.º ciclo do distrito de Santarém, observam-se percentagens bastante diferentes de alunos com apoio ASE, variando entre os 34 e os 66%. Se a distribuição destes alunos fosse absolutamente igualitária, ou simétrica, entre as escolas da região, então todas elas deveriam ter aproximadamente 45% de beneficiários ASE – o valor agregado global do distrito – o que manifestamente não acontece.

Embora as assimetrias entre as escolas do 2.º ciclo do distrito de Santarém possam parecer significativas, elas são, na verdade, as assimetrias mais suaves entre as encontradas nos vários distritos de Portugal Continental. De facto, segundo vários indicadores possíveis de assimetria, Santarém surge como o distrito mais uniforme do país em termos da distribuição entre escolas dos seus alunos com apoio ASE.

Esta homogeneidade relativa das escolas do distrito de Santarém é facilmente apreensível quando comparamos o gráfico das suas escolas (gráfico 2.2) com o gráfico análogo das escolas do distrito de Setúbal (gráfico 2.3), imediatamente abaixo.

GRÁFICO 2.3



A comparação dos dois gráficos anteriores mostra que, embora a percentagem global de beneficiários ASE seja semelhante nos distritos de Santarém e de Setúbal, a distribuição destes alunos pelas várias escolas é bastante diferente nos dois distritos. Enquanto em Santarém as escolas têm entre 34 e 66% de alunos com apoios ASE, no distrito de Setúbal a amplitude é muito maior, variando entre os 17 e os 83%. Portanto, no distrito de Setúbal coexistem escolas em que menos de um em cada cinco alunos tem apoio ASE, com escolas em que mais de quatro em cada cinco alunos beneficiam deste apoio. As desigualdades de contexto socioeconómico são maiores entre as escolas do distrito de Setúbal.

É certo que existem fortes razões de índole social, económica, demográfica e urbanística que justificam as diferenças observadas entre as escolas dos dois distritos. São regiões habitadas por populações diferentes que estão estabelecidas no território de forma também diferente. Contudo, por agora, o principal ponto a ter em mente é que, em termos percentuais, o distrito de Setúbal não tem mais alunos com apoio ASE do que o distrito de Santarém, tem até menos alunos nestas condições. A diferença é que, no distrito de Setúbal, os alunos de estratos socioeconómicos baixos estão mais concentrados em certas escolas e estão quase ausentes noutras, enquanto no distrito de Santarém a distribuição é mais homogénea.

As assimetrias observadas entre as escolas públicas do distrito de Setúbal, embora notórias, não são mais marcadas do que as existentes noutras regiões do país, como veremos adiante.

COMPARAÇÃO ENTRE DISTRITOS

O objetivo desta secção é determinar quais são os distritos do país que têm as maiores assimetrias entre as suas escolas, em termos da percentagem de beneficiários ASE. Para isso, precisamos de conseguir medir, quantitativamente, os níveis de assimetria.

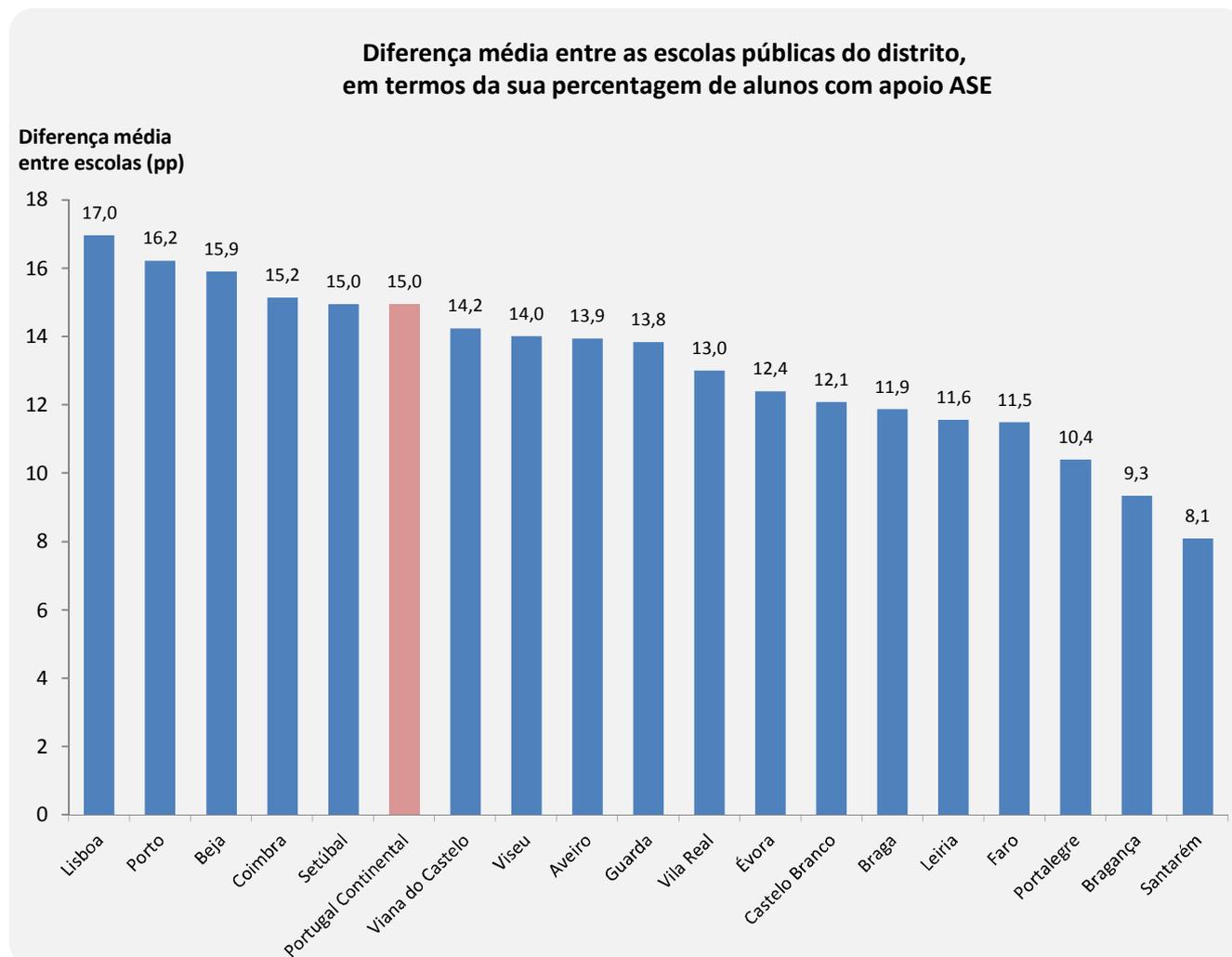
Uma forma prática de avaliar as assimetrias dentro de um grupo de escolas é construir um gráfico de barras ordenadas, semelhante aos apresentados anteriormente para os distritos de Setúbal e Santarém, e inspecionar visualmente as diferenças entre o comprimento das barras correspondentes às várias escolas. A inspeção visual dará uma boa ideia das diferenças entre as escolas, em termos das suas percentagens de beneficiários ASE. Todavia, se o número de escolas em análise for demasiado grande, ou se quisermos comparar simultaneamente muitos grupos de escolas – por exemplo, comparar as assimetrias em todos os 18 distritos do Continente – seria útil ter um indicador numérico que, dentro do possível, conseguisse capturar e resumir os níveis de assimetria dentro de cada grupo de escolas. Qualquer coisa análoga ao conhecido índice de Gini, tradicionalmente utilizado para medir desigualdades de rendimentos entre os indivíduos de uma população.

Existem vários métodos possíveis de construção de indicadores numéricos para medir assimetrias, ou desigualdades, dentro de um grupo de escolas. Estes métodos têm níveis distintos de sofisticação e comunicabilidade, além de valores e interpretações diferentes. Neste trabalho, optámos por medir as assimetrias entre escolas através da “*diferença média entre as escolas do grupo, em termos das suas percentagens de beneficiários ASE*”. Este é um indicador bastante simples que, em termos gerais, procura medir a diferença entre cada par de escolas do grupo e depois calcular a média global destas diferenças, para ver se a diferença média é elevada ou reduzida. Mais precisamente, suponhamos que temos um grupo de quarenta escolas, por exemplo as escolas de um qualquer distrito, e queremos medir se é um grupo de escolas muito homogéneo ou muito heterogéneo, em termos das suas percentagens de beneficiários ASE. Então começamos por tomar um qualquer par de escolas entre as quarenta, digamos o par formado pela escola A e pela escola B, e medimos a diferença entre a percentagem de alunos com apoio ASE nestas duas escolas. Por exemplo, se a escola A tem 50% destes alunos e a escola B tem 30%, a diferença para este par são 20 pontos percentuais. Toma-se agora um outro par diferente de escolas, por exemplo o formado pela anterior escola A e pela escola C. Supondo que a escola C tem 60% de beneficiários ASE, e recordando que a escola A tinha 50%, a diferença neste segundo par são 10 pontos percentuais. Continuando sucessivamente a escolher novos pares de escolas, dentro do grupo das quarenta, e a medir a diferença entre as escolas do par, depois de percorridos todos os pares possíveis podemos fazer uma média global das diferenças encontradas, e assim calcular a “*diferença média entre as escolas do grupo, em termos das suas percentagens de beneficiários ASE*”, como pretendido. Quando a diferença média entre as escolas do grupo é grande, isto quer dizer que se trata de um grupo heterogéneo de escolas; quando a diferença média entre escolas é pequena, temos um grupo homogéneo.

Utilizando este método, calculámos a diferença média entre as escolas pertencentes a cada distrito de Portugal Continental, em termos das suas percentagens de beneficiários ASE, para procurar

avaliar quais são os distritos em que a distribuição dos alunos de estratos económicos baixos é mais desigual. Os resultados são apresentados no gráfico seguinte.

GRÁFICO 2.4



Conclui-se que o distrito de Lisboa é aquele que tem escolas públicas mais heterogéneas, em termos da percentagem de alunos do 2.º ciclo que beneficiam de apoio ASE. Se tomarmos duas escolas ao acaso do distrito de Lisboa e compararmos a sua percentagem de beneficiários ASE, obteremos valores afastados entre si por 17 pontos percentuais, em média. Note-se que este é apenas o afastamento *médio* entre escolas, existindo no distrito de Lisboa escolas com diferenças muito superiores entre si, como veremos adiante.

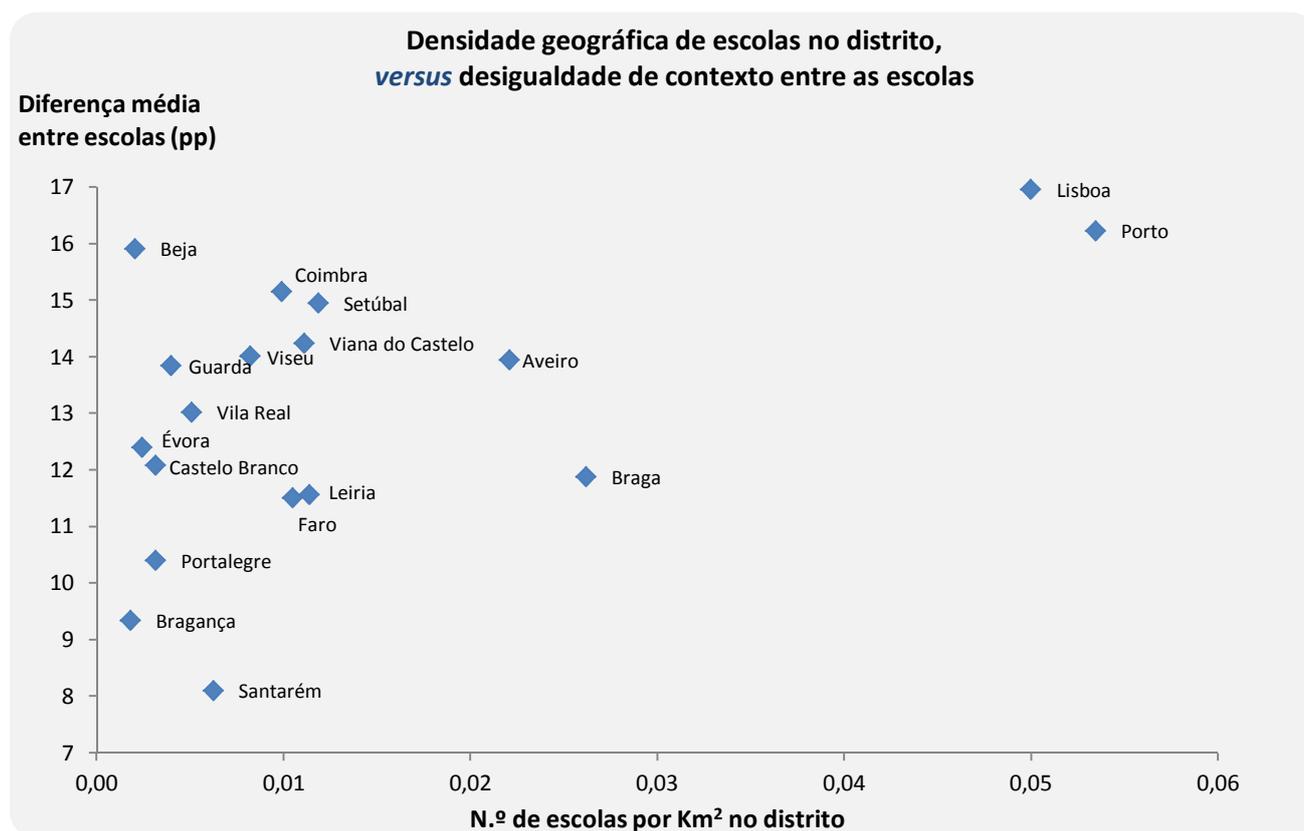
A seguir a Lisboa, os distritos com distribuições mais heterogéneas dos alunos de estratos socioeconómicos desfavorecidos foram, em 2015/16, os distritos do Porto, Beja e Coimbra. Estes são os distritos do país em que há uma maior separação entre os beneficiários ASE e os restantes alunos. O distrito de Setúbal, estudado anteriormente, surge em quinto lugar. No extremo oposto, as regiões do país que têm escolas mais parecidas entre si, portanto uma distribuição mais homogénea dos beneficiários ASE, são os distritos de Santarém, Bragança e Portalegre.

Os resultados do indicador da “*diferença média entre escolas*” são consistentes com os da análise visual, feita anteriormente nos gráficos 2.2. e 2.3, em que concluímos existirem maiores assimetrias entre as escolas do distrito de Setúbal do que entre as do distrito de Santarém.

Analisando o gráfico 2.4, observa-se também que os distritos mais urbanos do país, como Lisboa e Porto, tendem a apresentar os níveis mais elevados de assimetrias entre as suas escolas, enquanto distritos mais rurais, como Bragança e Portalegre, tendem a ter escolas mais homogéneas. Contudo, esta relação não é linear e a regra tem frequentes exceções: o distrito de Beja, não sendo particularmente urbano, é um dos que apresenta assimetrias internas mais vincadas entre as suas escolas públicas. Em termos da densidade geográfica das suas escolas, os distritos de Beja e Bragança são semelhantes, mas as desigualdades entre escolas são muito superiores em Beja. Outra exceção: embora o distrito de Braga tenha uma densidade geográfica de escolas superior à do distrito de Coimbra, as desigualdades entre escolas são maiores em Coimbra.

Para facilitar a apreensão desta correlação, um tanto fraca, entre a densidade geográfica de escolas na região e os níveis de desigualdade entre as escolas, apresentamos, de seguida, a posição de cada distrito no plano bidimensional definido por estas duas variáveis.

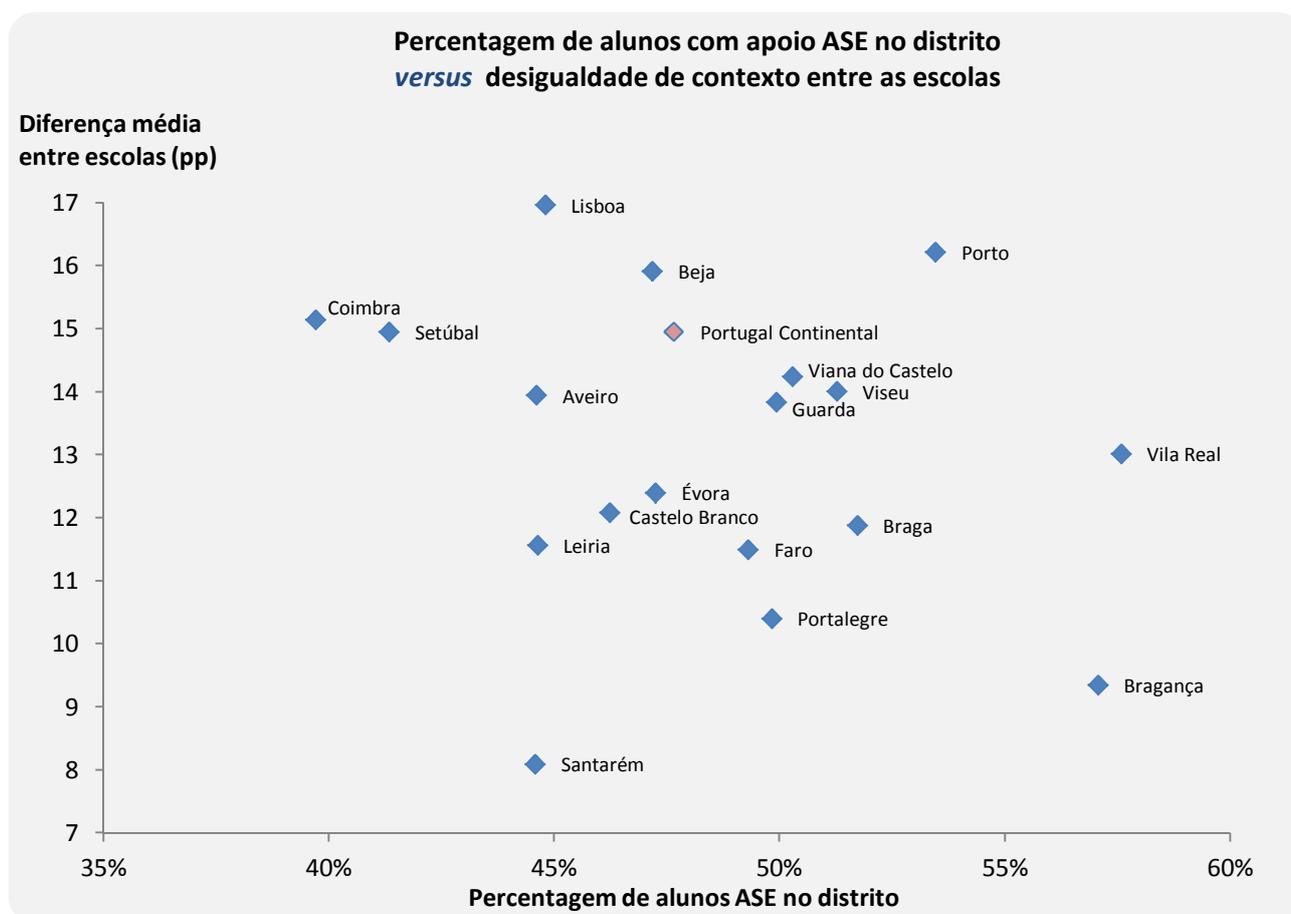
GRÁFICO 2.5



Analisando os pontos do gráfico, verifica-se que, de facto, existe alguma tendência de crescimento da desigualdade entre escolas à medida que a densidade geográfica de escolas no distrito também aumenta ($R^2 = 0,28$). Por outro lado, existem muitos distritos com densidade geográfica de escolas igualmente baixa mas níveis muito diferentes de assimetrias entre as suas escolas públicas – compare-se, por exemplo, Bragança e Beja, ou Santarém e Guarda.

Outra questão natural é a seguinte: será que existe maior desigualdade entre escolas nos distritos que têm uma maior percentagem de beneficiários ASE? Globalmente, a resposta é negativa: o nível de desigualdade entre as escolas de um distrito, em termos da sua percentagem de beneficiários ASE, parece tomar valores bastante independentes da percentagem global de beneficiários ASE no distrito. Por outras palavras, podemos perfeitamente ter dois distritos com baixas desigualdades a nível interno, portanto com escolas parecidas entre si, mas num deles as escolas têm (homogeneamente) muitos beneficiários ASE, enquanto no outro distrito as escolas têm (também homogeneamente) poucos beneficiários ASE. Esta independência relativa das duas variáveis verifica-se no gráfico seguinte.

GRÁFICO 2.6



Este gráfico mostra, na direção horizontal, a percentagem de alunos do distrito que beneficiam de apoios ASE, e, na direção vertical, o nível de desigualdade entre as escolas do distrito, em termos da distribuição destes alunos. Consta-se, por exemplo, que os distritos de Santarém, Leiria, Aveiro e Lisboa têm praticamente a mesma percentagem global de alunos ASE. Porém, a forma como estes alunos estão distribuídos pelas escolas do distrito é muito diferente, com as assimetrias entre escolas a crescerem acentuadamente à medida que se passa do distrito de Santarém para o de Leiria, para o de Aveiro e, finalmente, com as maiores assimetrias do país, para o distrito de Lisboa. Percorrendo o gráfico na direção horizontal, pode ver-se também como o distrito de Coimbra, apesar de ter muito menor percentagem de alunos com apoio ASE do que o distrito de Vila Real, apresenta níveis de assimetria entre escolas superiores aos deste último distrito.

3. ASSIMETRIAS NOS CONCELHOS

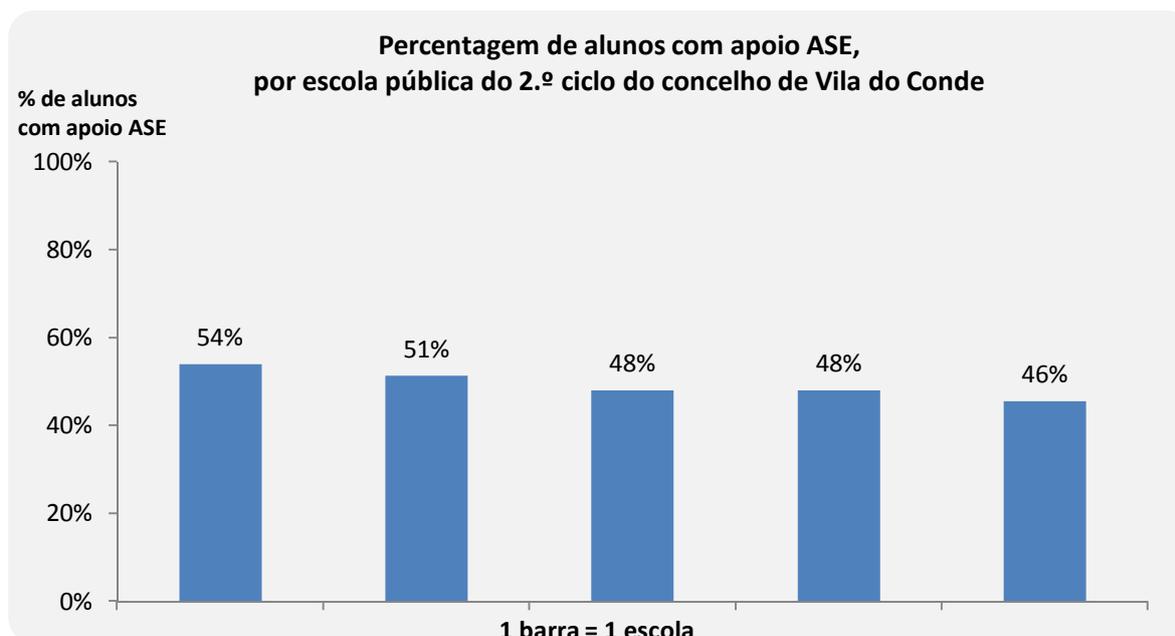
Na secção anterior, apresentámos dados sobre as assimetrias entre as escolas de cada distrito, no que se refere ao contexto socioeconómico dos seus alunos. Nesta secção apresentaremos dados análogos ao nível mais fino dos concelhos.

À partida, poder-se-ia pensar que as assimetrias entre escolas tendem a desaparecer quando consideramos regiões de menor dimensão, pois há menos espaço para a existência de contrastes dentro de regiões pequenas. Embora esta tendência seja real, existem inúmeras e relevantes exceções. Não é tarefa difícil, em Portugal, encontrar escolas muito próximas geograficamente mas muito distantes socialmente. Mesmo em concelhos de reduzida dimensão geográfica, podemos encontrar fortes assimetrias entre escolas, estando estas diferenças de contexto geralmente associadas a elevados níveis de segregação residencial no concelho.

Começamos por apresentar o exemplo de dois concelhos de média dimensão, com um número semelhante de escolas públicas do 2.º ciclo, mas com níveis de assimetrias muito diferentes entre as suas escolas.

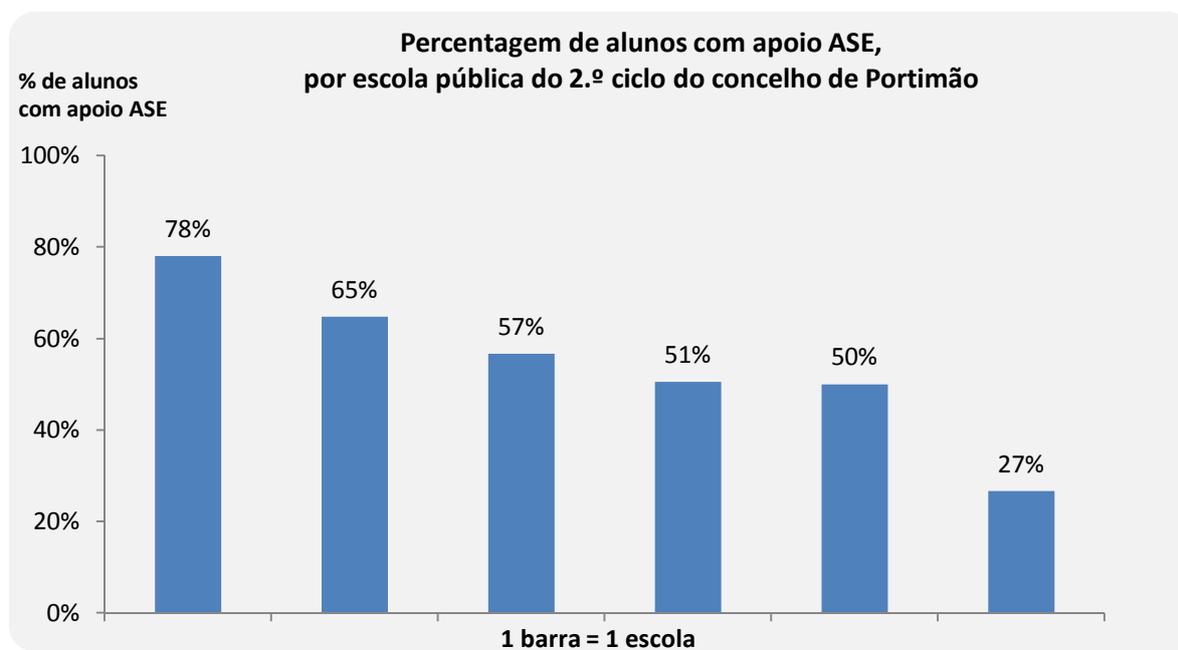
Por um lado, temos o concelho de Vila do Conde, em que todas as escolas têm percentagens muito semelhantes de beneficiários ASE, como ilustrado no gráfico 3.1. Este é, de facto, um dos concelhos nacionais com distribuição mais homogénea destes alunos. Note-se que as cinco escolas de Vila do Conde não terão necessariamente níveis semelhantes de resultados escolares finais, pois servem comunidades distintas, têm corpos docentes e instalações diferentes, e poderão, eventualmente, ter abordagens pedagógicas diversas. Todavia, o ponto de partida social parece ser semelhante, pois operam em contextos comparáveis. A realidade socioeconómica global do concelho aparenta estar espelhada, sem grandes diferenças, em todas as suas cinco escolas.

GRÁFICO 3.1



A situação é bastante diversa no concelho de Portimão, em que as suas seis escolas do 2.º ciclo têm percentagens muito diferentes de beneficiários ASE. Uma escola tem 78% dos seus alunos oriundos de agregados familiares de níveis socioeconómicos mais baixos, enquanto outra escola do mesmo concelho tem apenas 27% dos seus alunos nas mesmas condições. O ambiente escolar será, com toda a probabilidade, substancialmente diferente nestas duas escolas.

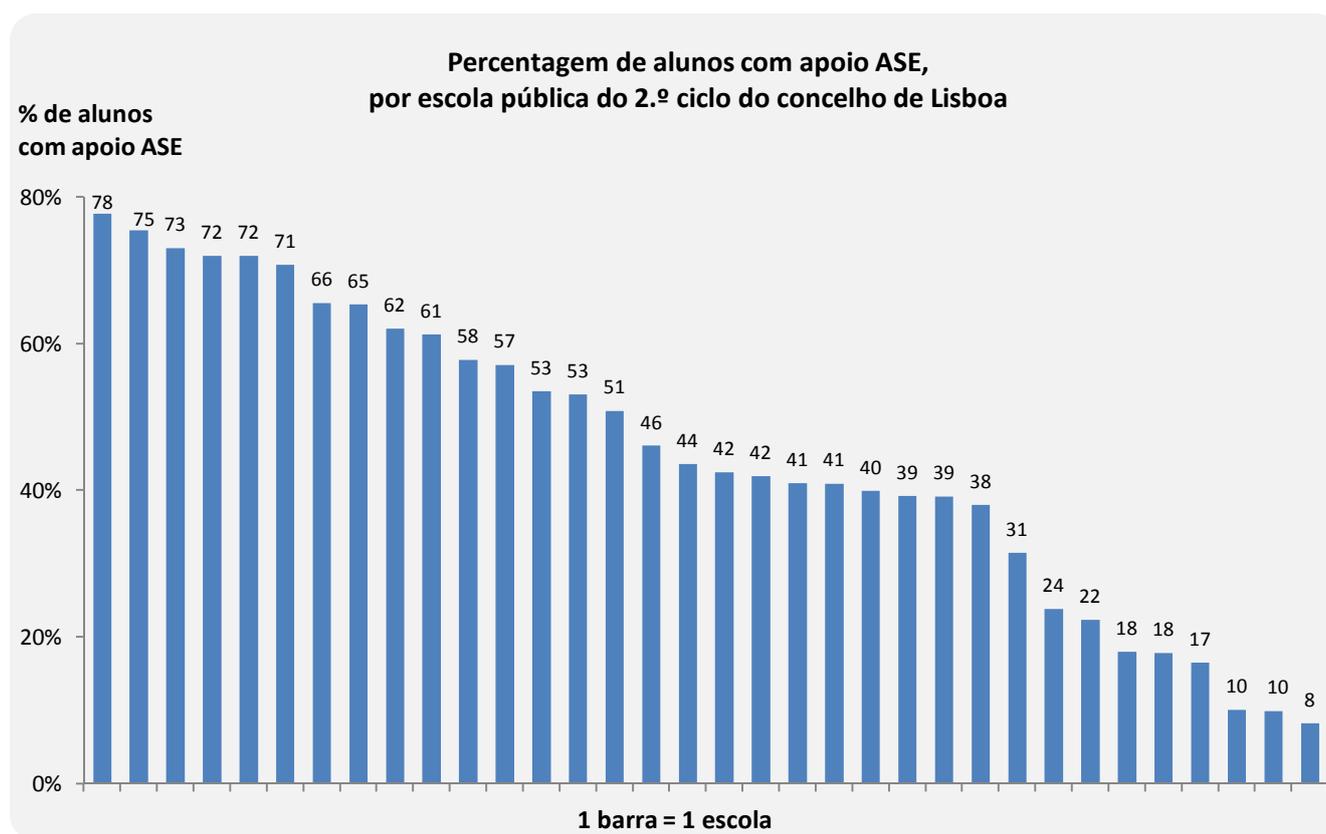
GRÁFICO 3.2



Quando falamos de assimetrias entre escolas públicas de um mesmo concelho, não podemos encontrar exemplos mais fortes do que os oferecidos pelos dois concelhos mais urbanos e populosos do país, Lisboa e Porto, embora situações de assimetrias vincadas entre escolas do 2.º ciclo se encontrem em muitos outros concelhos, das mais diversas dimensões e contextos (ex. Alcanena, Almada, Estarreja e Oeiras).

No gráfico abaixo, mostramos a percentagem de alunos com apoio ASE, em 2015/16, em cada uma das escolas do 2.º ciclo do concelho de Lisboa. Salta à vista que as assimetrias entre as escolas são enormes. O concelho de Lisboa tem escolas públicas em que menos de 10% dos alunos beneficiam de apoio ASE e, em paralelo, tem várias outras com mais de 70% de alunos nestas condições. Os alunos destes dois tipos de escolas crescem em mundos diferentes.

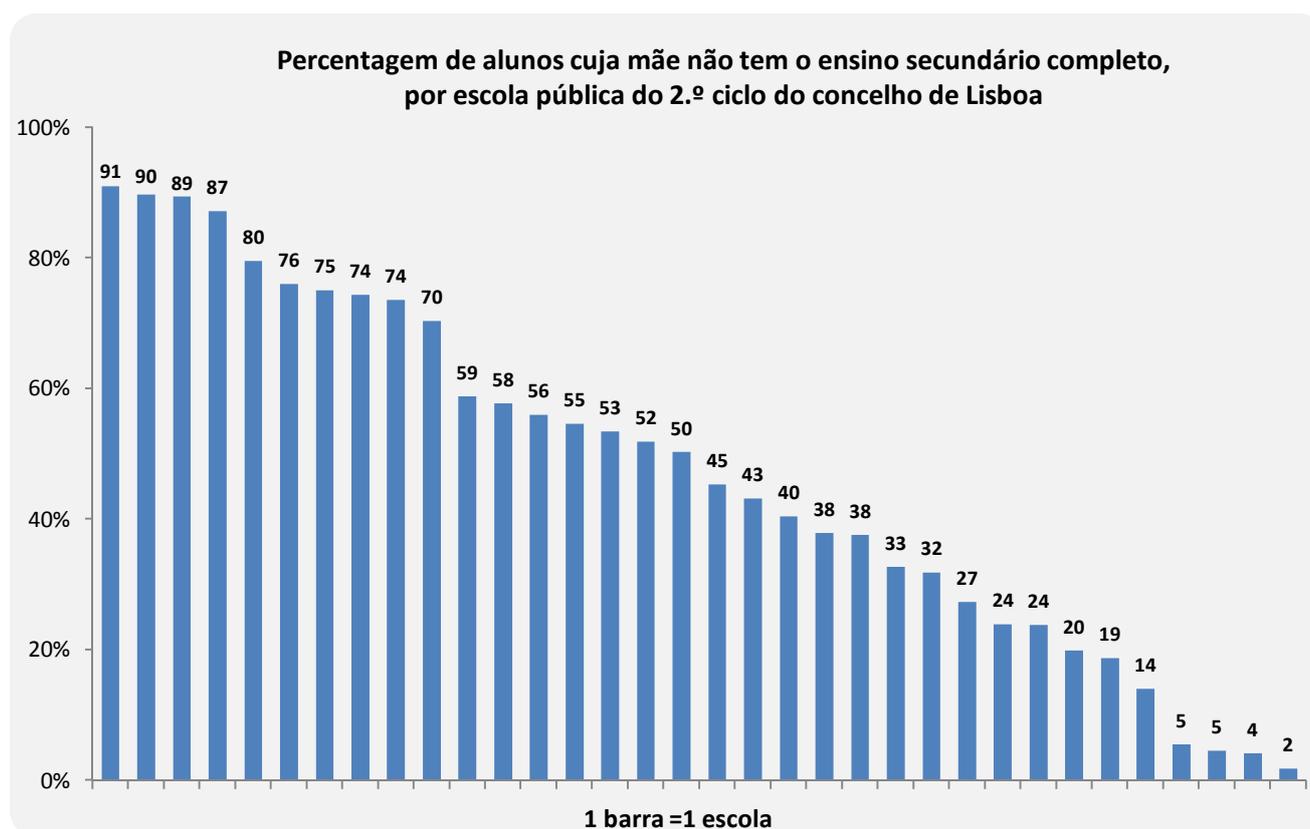
GRÁFICO 3.3



Sublinhe-se ainda que esta análise se refere apenas às escolas do subsistema público, sendo que o concelho de Lisboa tem também um grande número de escolas privadas independentes. Se representássemos todas as escolas do 2.º ciclo de Lisboa, públicas e privadas, num gráfico semelhante ao anterior, muito provavelmente haveria que acrescentar várias escolas privadas no lado direito do gráfico, todas com um contexto socioeconómico favorável. As assimetrias globais entre todas as escolas de Lisboa serão, assim, superiores às retratadas no gráfico 3.3.

Para aprofundar a análise das assimetrias no concelho de Lisboa, calculou-se também, para cada escola pública do 2.º ciclo, a percentagem dos seus alunos cuja mãe tem habilitação inferior ao ensino secundário completo. Na sua maioria, são alunos cuja mãe tem escolaridade correspondente ao 6.º ou ao 9.º ano completos. Os resultados apresentam-se no gráfico seguinte, em que cada barra representa uma escola.

GRÁFICO 3.4



As assimetrias entre as escolas públicas de Lisboa são, de facto, extremamente vincadas. Existe um conjunto de escolas em que praticamente todas as mães têm o 12.º ano completo – a maior parte tem até habilitação superior – e em que apenas 5% das mães, ou menos, têm somente o ensino básico. Ao mesmo tempo, existem outras escolas do concelho em que cerca de 90% das mães têm habilitação escolar inferior ao ensino secundário, geralmente o 6.º ou o 9.º ano completos. Apesar de serem todas escolas públicas localizadas no mesmo concelho, temos alunos que crescem e aprendem em ambientes antípodos, segregados, nenhum dos quais espelha a diversidade global da sociedade portuguesa.

Outra consequência importante da segregação socioeconómica é o seu impacto nas desigualdades de resultados escolares entre os alunos.¹ Com efeito, é reconhecido que o contexto socioeconómico tem fortes impactos nos resultados dos alunos, estando os contextos desfavorecidos tendencialmente associados a maiores níveis de insucesso escolar, expectativas académicas mais modestas, taxas de abandono mais elevadas, etc. Um aluno que frequente escolas em contextos muito desfavorecidos encontrará, tendencialmente, um ambiente menos centrado nos resultados académicos, uma comunidade com um património cultural mais distante daquele que é valorizado no sistema de ensino, colegas com expectativas escolares mais baixas e menos exemplos inspiradores de sucesso académico. Este ambiente da escola não deixará de se refletir no percurso escolar do próprio aluno. Tomando alunos com níveis escolares iniciais semelhantes, as probabilidades de sucesso escolar futuro dependem também da escola que frequentam.

¹ OECD (2012), *Equity and Quality in Education: Supporting Disadvantaged Students and Schools*, OECD Publishing.

Mas, sendo assim, e ao contrário do que sucede no exemplo de Vila do Conde, em que todas as escolas têm percentagens semelhantes de alunos de estratos desfavorecidos, quando existe uma forte segregação socioeconómica os alunos de estratos mais baixos tendem a frequentar escolas com percentagens desproporcionadamente elevadas de colegas nas mesmas condições, portanto escolas cujos ambientes podem influir negativamente nas suas (já frágeis) probabilidades de sucesso futuro.

Em conclusão, a segregação socioeconómica entre escolas é potencialmente, por si só, uma das causas das diferenças de resultados escolares entre os alunos oriundos de estratos diferentes. Na presença de uma forte segregação, um aluno de um estrato desfavorecido enfrenta uma dupla desvantagem: ao obstáculo de receber um menor apoio em casa para o estudo, soma-se o obstáculo de frequentar uma escola com ambiente menos propício à obtenção de bons resultados do que o ambiente das restantes escolas.

Os dados para as escolas públicas do 2.º ciclo do concelho do Porto, o segundo mais populoso do país, mostram uma realidade semelhante à das escolas de Lisboa, uma realidade marcada por grandes assimetrias entre escolas. Entre as escolas do concelho do Porto aparentam até existir casos de contextos socioeconómicos ainda mais desfavorecidos (ligeiramente) do que os encontrados entre as escolas de Lisboa, embora os níveis globais de segregação socioeconómica aparentem ser semelhantes.

Para confirmação destes factos sugere-se a análise dos dois gráficos seguintes, mostrando as diferenças entre as escolas públicas do Porto em termos de: 1) percentagem de alunos beneficiários ASE; 2) percentagem de alunos cuja mãe tem um nível de escolaridade inferior ao ensino secundário completo. Mais uma vez, cada barra representa uma escola real.

GRÁFICO 3.5

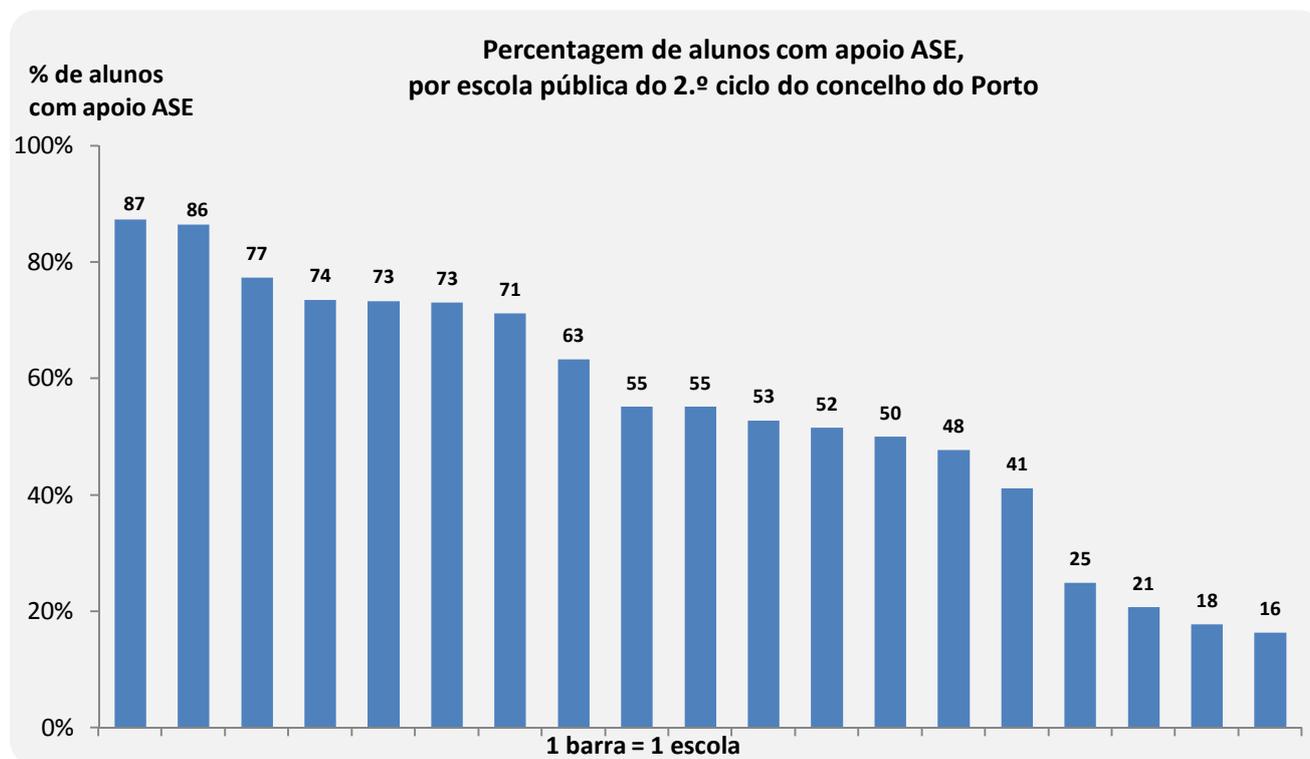


GRÁFICO 3.6

